

190

ILLUSTRAÇÃO

PORTUGUEZA

N.º 100

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO,"

43 - RUA FORMOSA - 43

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

Depósito em Lisboa 37, RUA DO CORPO SANTO, 37



Depósito no Porto 57, RUA DE D. PEDRO, 57

Bicarbonato de sódio	1,18404
Bicarbonato de lítio	0,00005
Bicarbonato de cálcio	0,21360
Bicarbonato de magnésio	0,29204
Bicarbonato de ferro	0,00079
Bicarbonato de zinco	0,00000
Fosfato cálcico	0,00114
Potássio de potássio	0,00001
Clorureto de potássio	0,00009
Clorureto de sódio	0,10342
Sulfato	0,00106
Materia orgânica	0,00028
Bicarbonato d'ammonio	2,11724
Ácido carbonico livre	1,24834
Somma	3,00000

Vegetação de extracto de sebo, acido e oxigenio.

Vejam lo que dizem os curados
Todos os dias novas curas
Mal de rins e dificuldade na digestão

Sr. Dr. McLaughlin
 Com muita satisfação lhe communico que, não obstante ter feito muito pouco uso do seu **Vigorizador Electrico**, me sinto muito melhor, as picadas nos rins desapareceram por completo e o estomago digera com facilidade.
 Assacitura, 22 de Setembro de 1905.

Da V.
 (a) Padre Antonio Joaquim da Matta

CONSULTAS E UM LIVRO GRATIS

Se estans enfermo, é vosso interesse auscultar-nos ou vir ao nosso consultorio para receber a nossa consulta gratis. Dir-vos-hemos com franqueza se o tratamento electrico poderá dar ou não alivio aos vossos padecimentos.

DR. M. P. MCLAUGHLIN
 HORAS: 9 da manhã às 8 da noite. Rua Augusta, 188, 2.º - LISBOA
 Domingos, 10 da m. à 1 da tarde.

Encadernações e Typographia
VEROL & C.ª
 Procuram sempre a casa que tem um militar à porta
 134, Rua Augusta, 136

Union Maritime e Mannheim
 Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza
 Directores em Lisboa:
Lima Mayer & C.ª
 59, Rua da Prata, 1.ª

BILHARES
 TABELLAS PNEUMATICAS
PRIETO
 DUPLA ELASTICIDADE
 Rua de S. José, 171, 173

Bueno Romera
 ORTHODOXIA
 Tratamento de doenças da bocca.
 Colocação de dentaduras artificiaes.
 CONSULTORIO
CALÇADA DO COMBRO, 32, 1.ª
 Veiga Paulistas - Lisboa

BRAZIL - UNIAO DOS PROPRIETARIOS
 COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES
18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado
 Depósito no Thesouro Federal 200.000\$000

Autorizada a funcionar por carta-patente, inscrita na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4970, de 10 de Setembro de 1901. - Seguros terrestres, maritimos, commerciaes, maritimos, officinaes e todo malho quando se relacionar com seguros terrestres. Accella concessão para administrar terra por compra e venda de terrenos, enserregamto e similes do rendimento de juros de apólice, dividendos de açção de bancos e companhias de accão capital, mediante mediação commoçial.
 Director - Antonio José de Souza, Antonio Moreira de Costa, Antonio José Alexandrino de Castro. - Conselheiros - José Luiz de Souza, Francisco Alves Soares Santos, Daniel Ferreira dos Santos, Antonio de Freitas Simplicio Guimarães, João da Rocha Honorário e João Augusto da Cunha.

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado - RIO DE JANEIRO

NESTLÉ
 FARINHA LACTEA
 32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa
PREÇO 400 RÊIS



BOA OCCASIAO
 Na quadra que alcançamos pingum dia de comprar a litta **DELICIEZ**, reconhecido como o melhor, sendo a vantagem de retirar a agua. O mais útil em todos os casos de febre, tosse, resacaçoes, bronchites e outros estabelecimentos. Uma casa que se vende d'ua especie, rua S. Nicolau, 28 e 40, onde se encontra um sacado sociado em fabrica natural e escaçegera, indica no caxo e conta por medida, e serregado de seu estabelecimento em Lisboa e fora. Pedidos a **Alfredo José d'Aguiar**.

Conservado com as Condições de Pickles de Lopes, Coelho, Dias

Almanach Ilustrado
d'O SEculo
PARA 1906

Consideravelmente melhorado
ESTÁ Á VENDA
 Este conhecido e apreciado **ALMANACH**
 O melhor que se publica pelo diminuto preço de
120 rs. brochado e cartonado rs. 200

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portuguesa*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, xilographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1905

NUMERO 100



Grupo de iniciadores das festas de recepção aos novatos da Universidade de Coimbra no proximo anno lectivo

Sr. Alfredo Pimenta (do 2.º anno de Direito)—Sr. João Martins Pompaona Covre Roal (do 3.º anno de Direito)—Sr. Aristides de Souza Mendes (do 4.º anno de Direito)—Sr. José d'Arruela (presidente do grupo de recepção aos novatos)—Sr. Vasco Francisco Gaspar de Quevedo (do 5.º anno de Direito)—Sr. Cezar de Souza Mendes (do 1.º anno de Direito)—Sr. Henrique Martins de Carvalho (do 1.º anno de Direito)—Sr. Pedroso Rodrigues (do 3.º anno de Direito)

D'este grupo de rapazes cheios de intenções generosas saiu a idéa de receber com festas os estudantes que se vão matricular na Universidade, acabando assim com a velha usança das troças que geralmente se faziam quando os novatos chegavam a Coimbra e que por ve-

zes se tornavam sumamente aggressivas. Procurando a adhesão de bem valiosos elementos academicos, os iniciadores da recepção aos novos estudantes da Universidade não só derogaram o costume e indigno d'estes tempos, mas ainda abriram um caminho que conduz á fra-

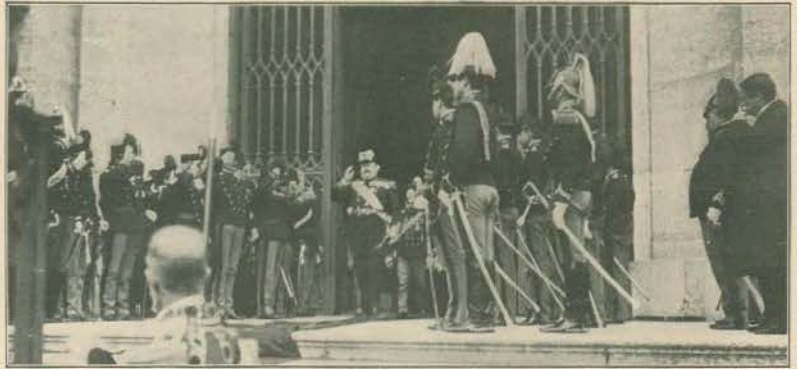
ternidade, desde que n'um impulso proprio de gente moça e bem intencionada, aos que chegam abriam, com os braços para o amplexo de saudação, os corações para a amizade que tal recepção ha de fazer germi-

CHRONICA

Os batedores

Aparece agora no ar a idéa d'um novo monopólio: o dos trens. Entre outras vantagens que diz offerecer ao publico apresenta a de fardar e instruir convenientemente o pessoal, o que é uma necessidade.

O cocheiro ficou o mesmo exteriormente emquanto a cidade se desenvolvia, se engalanava, creava bairros elegantes, marmoreava as portas das lojas, arranjava vitrines arte nova, se civilisava e resurgia. Antigamente o cocheiro com o seu chapéu desabado e a sua dextroza de mão, com a sua jaqueta de alamares e o seu calão, a sua calça afiamburada e com a sua audacia era precioso; era até um typo interessante. Alguns tinham fama larga de guitarristas e batedores, conheciam toda a gente, os fidalgos esturdios tratavam-nos por tu, a alta roda estroina citava com vaidade os seus nomes e davam-lhes logar ás mesas nas ceafas patuosas. O cocheiro era a mão que empunhava as redeas para uma corrida veloz e a navalha para uma defeza a tempo. Pompeava na boleia como Apollo no seu carro, sacudia-se em fandangos batidos fóra de por-



AS EXEQUIAS DE D. PEDRO IV NA SÉ PATRIARCHAL.—S. M. el-rei saindo da Sé



AS EXEQUIAS DE D. PEDRO IV NA SÉ PATRIARCHAL.—Os ars. ministros da Fazenda, da guerra e dos estrangeiros com alguns officiaes aguardando a chegada d'el-rei

tas e dava leis nas noites bohemias das esperas de gado. O Vimioso e o Niza não tinham mais fama do que os seus cocheiros das arruaças. Havia como uma alliança entre a mocidade rica e com seis gerações de antepassados e o plebeu dextro que guiava as tipotas como entre os Imperadores romanos e os seus aurigas.

Ser batedor de praça era ser um amigo de toda a fidalguia. Quando se socavam nas viellas, sabiam que os arrancariam das garras da justiça. O cocheiro assim afiantado, pimpão, saltador, de phrase brusca, era um producto d'esse tempo de grandes romanticos que viviam na tradição das proezas nocturnas d'outras eras. Elle imitava o fidalgo no traje e nos costumes, tocava o fado com a ponta de cigarro ao canto da bocca, o olho lagrimento e meio cerrado, e guiava a parelha direito na boleia com o pingalim bem seguro. O cocheiro d'este modo era um rei das noites e que descaueava de dia como todas as aves noctivagas.

Depois vieram outros habitos. Os fidalgos deixaram de ser os homens educados pelo capellão e que buscavam continuar as tradições de valentia da fa-

milla. Chegou a sêde de saber; a vida transformouse; appareceram outros meios de transporte mais rapidos, vein o electrico e o automovel fazer o desespero dos molhores batedores. Para as arruaças nocturnas achouse o policia que não a deixa ir no fim; já se não vae esperar o gado nem para fóra de portas. Os restos d'esse tempo de grandes bohemios morreram ou retiraram-se e a geração nova de cocheiros que apparecem buscou imital-os sem resultado, porque a epoca não o permitia. Logo os velhos trajos dos cocheiros, a furia de galgar ladeiras com os carros, a obrigação de tunanear, devem desaparecer, porque a gente é outra, mais civilisada ou mais pacata.

Dos cocheiros que herdaram ainda alguma cousa d'esses tempos, ha um que no seu desdem pela vida dos transeuntes corria com o carro á desfilada emquanto toda a gente lhe gritava na passagem. Um policia mais dextro deita a mão ás redeas dos cavallos, junta-se povolen o elle no alto da boleia parecia sentir uma grande saudade do tempo em que chitotearia tudo aquello.

Era como o derradeiro batedor das noitadas e das hortas, entregando a sua parelha tão famosa ás mãos d'um policia de que n'outro tempo os seus amos patuosos e fidalgos o teriam salvo. O povo em volta atirava-lhe epithetos, e elle calava-se até que ouvindo uma voz mais alta a chamar-lhe malcreado, o batedor voltou-se e disse com um piscar de olhos maganão e um sorriso ironico nos labios queimados do cigarro:

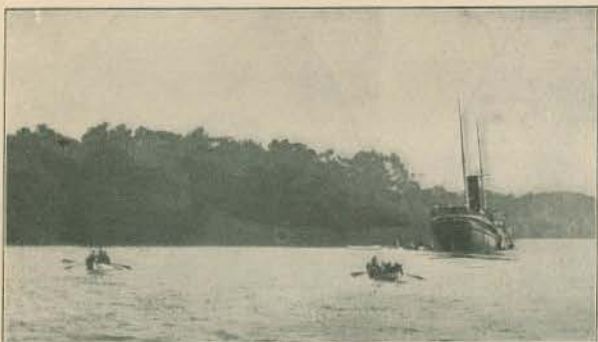
—Malcreado eu!! O' senhores, eu fui educado nas Sa'ostins!

E com o policia ao lado na almofada, elle, que n'outro tempo se teria escapado com duas chicotadas ou com a piada, lá foi para a esquadra entre a indignação popular como um revoltado contra os usos, querendo fiar no seu tempo e succumbindo. Em face d'uma epoca que pede innovações, tudo tem obrigação de seguir, de caminhar, mesmo os batedores que devem fazer a sua ultima corrida e a desfilada desde que o freguez manda bater para a civilisacão!

ROCHA MARTINS.



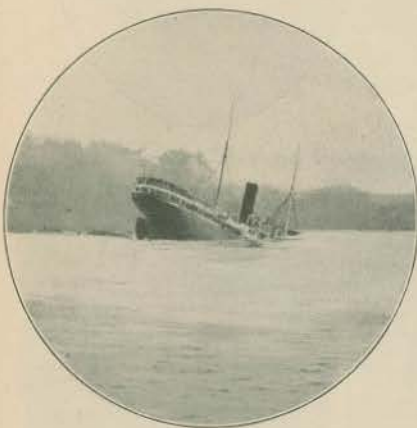
AS EXEQUIAS DE D. PEDRO IV NA SÉ PATRIARCHAL.—A guarda de honra



O «Cyril» depois do encontro, vendo-se já os botes transportando as senhoras para o «Anselm».



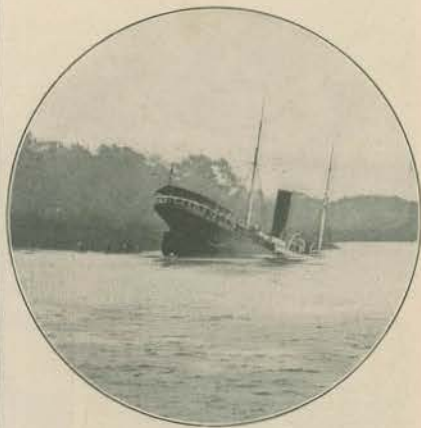
Botes do «Anselm» vindo em socorro.



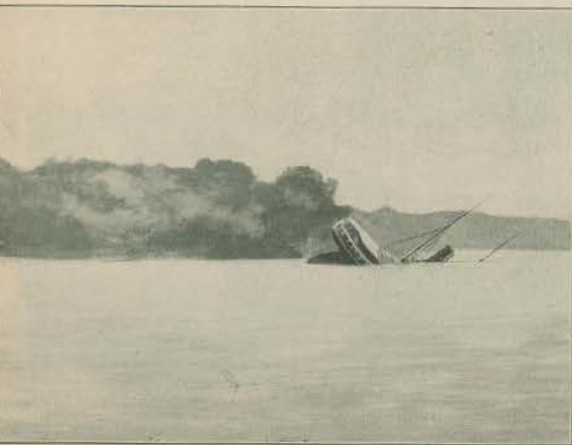
O «Cyril» dois minutos antes de se afundar.



O «Cyril».



O «Cyril» um minuto antes de se afundar.



O «Cyril» no momento de desaparecer.

O NAUFRAGIO DO PAQUETE «CYRIL» QUE FOI METTIDO A PIQUE PELO «ANSELM» NA BAHIA DE INAJATUBA (AMAZONAS) EM 5 DE SETEMBRO

Photographias tiradas na occasião do naufragio pelo cozeheiro do «Cyril» e ampliadas por um dos passageiros d'este barco, o sr. João Barco de Fozilho, que gentilmente nos cedeu a illustração. O naufragio do «Cyril» foi devido á imprevidencia d'um praticante de piloto que dirigiu, por um fatal acaso, o «Anselm» contra a proa d'aquelle vapor. Na manhã de 5, quando se avistou de bordo do «Cyril» o paquete «Anselm», houve um grande enthusiasmo, preparando-se a fanfarrina

alemã para tocar á passagem do barco o que fuzia a sua primeira viagem. De repente notou-se que o «Anselm» tomava o mesmo caminho, em direcção a á terra, que o «Cyril» levava, e, como não pudesse passar, fez-lhe um grande rombo d'alto a baixo, destruindo-lhillo as anteparas



Os naufragos do «Cyril» a bordo do «Anselm».

dois porões. A bordo houve um momento de pânico, logo acalmado por uma voz que correu dizendo que o barco estava apenas encalhado, salvando-se d'este modo todos os passageiros, mas perdendo-se as bagagens á excepção da mala do correio.



Sr. Jayme Thompson (da comissão iniciadora das grandes regatas)—Sr. visconde da Ribeira Brava (da comissão iniciadora das grandes regatas)
—Sr. João Bergaro—(da comissão iniciadora das grandes regatas)



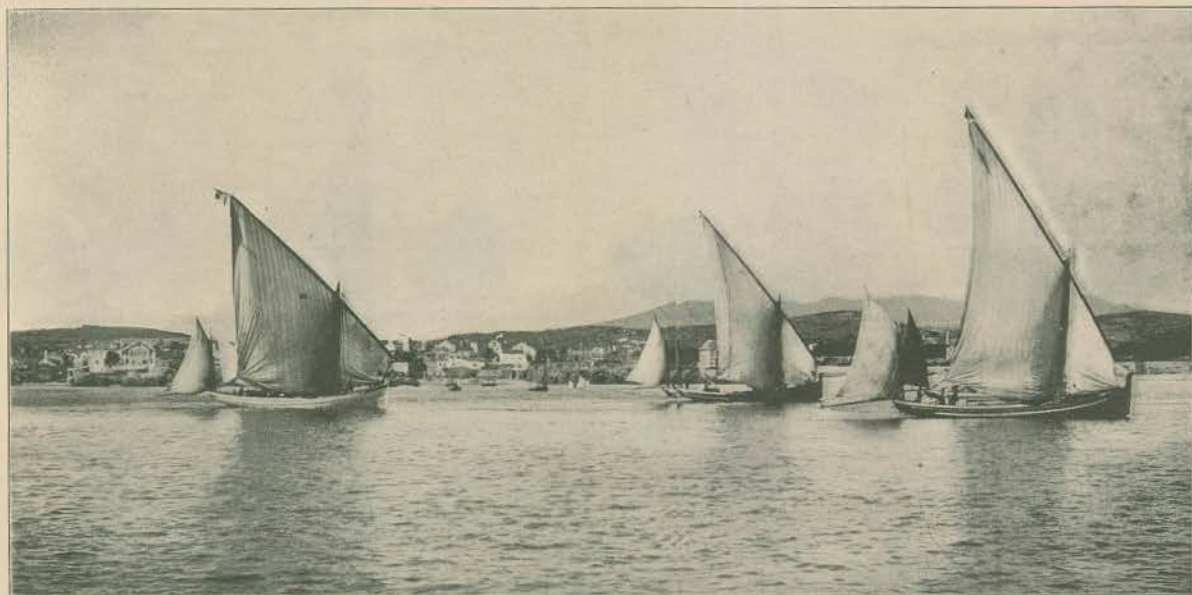
A REGATA DAS CANOAS DA PICADA EM CASCAES

A canoa «Nova Julia», que ganhou o primeiro premio (250000 réis) — O jury com o sr. capitão do porto e o engenheiro machinista do «Berrio» vs. contra-almirante conselheiro Ferreira do Amaral, Jayme Thompson, 2.º tenente Francisco Freitas da Silva, imediato do rebocador «Berrio», Alfredo Pedro Mathias, marinheiro naval de 1.ª classe, embarcado no «Berrio», 1.º tenente Guilherme Feas, 3.º tenente, comandante do «Berrio»; capitão tenente João do Couto e Casimiro Silva Antunes, capitão do porto de Cascaes, Jorge de Mendonça—Canoa «Flor de Setúbal» que ganhou o segundo premio (100000 réis)—S. A. E. e senhor infante D. Afonso descendo para a embarcação—A passagem da segunda baliza—A canoa «Leonor IV» que ganhou o terceiro premio (50000).

A grande regata que se devia realizar no penultimo domingo ficou transferida por causa do temporal que se desencadeou, ficando destinada para hontem, domingo; porém como as canoas da picada que deviam cor-

rer tinham ôde se afastar para o mar alto, fez-se a regata entre ellas no dia 26 de setembro em que S. M. a rainha chegou a Cascaes. A bordo do «Berrio» installou-se pelo meio dia o jury da regata, vendo-se muita gen-

te no terraço do Club da Praia e tambem na explanada da Cidadella. A regata terminou pelas 4 horas e meia da tarde ao mesmo tempo que partia para o Rio dos Algarvos o cortejo que ia esperar S. M. a rainha.



A REGATA DAS CANOAS DA PICADDA EM CASCAES
Um aspecto da bahia.—A largada

Na regata tomaram parte as canoas *Emília I*, *20 de Janeiro*, *Restauradora*, *Flôr de Setúbal*, *Leonor IV*, *Africana*, *Nova Julia*, *Leonor*, *Maria Rita*, *Adelino Côra*, *Julia I*, *Dois garotos*, que saíram ao meio dia quando foi disparado um tiro de bordo do *Berrio* onde se encontrava o jury. A canoa *Emília I* tomou logo uma grande dianteira conseguindo ir à frente até à segunda volta

em torno das balizas. Desde então a *Nova Julia* avançou, passou-lhe adiante e chegando finalmente ao ponto no meio do entusiasmo das pessoas e que aclamavam de terra a tripulação. A *Nova Julia* recebeu pois o primeiro premio (250\$000 réis), cabendo o segundo (100\$000 réis) à *Flôr de Setúbal*, o terceiro (50\$000 réis) à *Leonor IV*, e o quarto (80\$000 réis) à *20 de Janeiro*. Os mes-

tres das canoas eram respectivamente os srs. João Aniceto, José Augusto, José Joaquim da Luiza e Manuel Senna.

A *Nova Julia* pertence ao sr. J. d'Almeida Algarvio, a *Flôr de Setúbal* aos srs. Manuel Estrella e Antonio Marques, a *Leonor IV* aos srs. João Gonçalves e José Joaquim e *20 de Janeiro* aos srs. J. Sardo e Ignacio Gavetas.

Real Instituto de Socorros a Naufragos em Paço d'Arcos

A proposito do exercicio-simulacro de naufragio feito no dia 11 de setembro na bahia de Paço d'Arcos, vamos fazer uma rapida descripção da forma como ali estão montados os serviços de salvação.



S. M. a rainha senhora D. Amélia
Presidente do Real Instituto de Socorros a Naufragos
(Phot. Vidal & Fonseca)



Patrão Joaquim Lopes, que foi e 1.º patrão do salva-vidas



O carro do material

Sendo já bem do dominio publico os relevantissimos serviços que em todo o paiz tem prestado tão humanitaria quanto útil e sympathica instituição, a qual, pelo numero já minissimo elevado de pessoas que tem arrancado á morte, se torna crédora do respeito, consideração e protecção de todos, prestamos, por esta forma, homenagem a Sua Magestade a Rainha senhora D. Amélia, sua augusta presidente.

A estação fica á beira-mar, e de dentro d'ella parte, até ao mar uma *carreira de telas*, bastante comprida e com os competentes rails para serviço exclusivo do salva-vidas, a qual permite sempre a saída d'esse

carro porta-cabos anteriormente mencionado, carros de socorro e de ambulancia, bombas, carros de escadas, etc., etc.

No pavimento superior da estação ha: da parte do norte uma caserna com janella e 6 camas completas e sempre promptas a receber naufragos, varias arrecadações onde se guardam os uniformes (para bom e mau tempo) dos tripulantes do salva-vidas e roupas e fatos completos para fornecer aos naufragos e ainda, da parte



Sr. conselheiro Ferreira de Amaral
Presidente da commissão relativa do Instituto de Socorros a Naufragos

do sul, dependencias que servem de residencia ao pessoal da estação.

A fim de haver a maxima rapidez nos socorros a prestar fóra da barra, tem esta estação uma communicação telephonica para S. Julião da Barra, pela qual o pessoal do pharol vae communicando tudo quanto se



Sr. Spectorio Sanchez
Secretario da administração do conselho e vocal da commissão local de Socorros a Naufragos



Sr. Carlos Vieira Lopes
Presidente da direcção dos Bomberos e secretario da commissão local de Socorros a Naufragos



Sr. Quirino A. Lopes
Filho do patrão Joaquim Lopes que succedeu a seu pai no lugar de patrão do salva-vidas



Sr. Joaquim Ferreira Lopes
Actual patrão do salva-vidas



Sr. José d'Oliveira Raposo
Commandante das Bombas e Voluntários de Paço d'Arcos e thesoureiro da commissão local de Socorros a Naufragos

barco, mesmo na maxima baixa-mar d'aguas vivas, como varias vezes tem sucedido.

A estação é muito ampla, e estão alojados no seu pavimento inferior: o *salva-vidas* assente sobre o seu *carro-berço* o qual está ligado por um forte cabo d'aço galvanizado a um *guincho* de ferro destinado a arrear o salva-vidas com a velocidade que se desejar, segundo as circumstancias, para o que tem o respectivo freio-travão, e a *calça*—para o que tem as necessarias engrunagens e manivelas, um *carro porta-cabos*, sistema portuguez, destinado a permitir a montagem rapidissima dos socorros enviados de terra para o mar, para o que tem disposições para ser puxado por muare, conduzindo foguetões para 500 e 300 metros d'alcançe, cofres com linhas de sondagem com 600 e 300 metros de comprimento, sarilhosos com os cabos de vae-vem e com as espias, a boia calção, collotes e cintos (de salvação, a calha para lançar os foguetões, grande tripeça para levantar a *espia* que trabalha com o cabo de vae-vem a uma altura razoavel do terreno, uma gata para aguentar essa *espia* e que se enterra no terreno, talha para rondar essa *espia*, facho e foguetes de signal, etc., etc., sendo tudo desmontavel e ao mesmo tempo disposto a receber 7 pessoas quando montado, para o que algumas tampas dos cofres fazem de assentos e outras de descanso para os *ppés*, havendo um banco superior a todos (a almofada) na parte dianteira, que conduz 3 pessoas, ficando junto d'este banco o travão do carro, varios apetrechos de salvação e sobressalentes do salva-vidas, mastros, vergas, velas, amarras, valhas, boias, etc., etc.

Todo o material d'incendios pertencente á Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntários de Paço d'Arcos, a qual tambem tem a seu cargo o



Sr. Ruben Anther Tavares de Mello
2.º tenente da artilharia e presidente da commissão local de Socorros a Naufragos



Sr. Julio Milheiros

1.º tenente da armada e ajudante de despacho do Real Instituto de Socorros a Náufragos.

O material junto a agitação

Tripulante do salva-vidas em traje d'inverno



Saída do salva-vidas

Sr. Hyacintho de Brion

Inspector de socorros a naufragos e secretario do Real Instituto de Socorros a Náufragos

Sr. Luiz Eugenio Leitão
Thesoureiro do Real Instituto de Socorros a Náufragos

passa relativo a qualquer naufragio, havendo assim ensejo não só de se abreviar consideravelmente a promptidão dos socorros, como tambem de se providenciar de Paço d'Arcos mesmo quando o salva-vidas já esteja soccorrendo o navio em perigo, mas sejam necessarios socorros d'outra natureza, como vapores de reboco, bombas especies de exgotto, etc., fazendo então n'este caso a commissão de Paço d'Arcos as respectivas communicacões telegraphicas para Lisboa, como já tem succedido, e algumas vezes a altas horas da noite e de madrugada, dando-se assim todas as providencias e applicando-se nos salvamentos todos os esfor-

ços e diligencias compatíveis com os recursos d'esta estacão e da localidade.

Ha tambem uma signaes convencionaes com foguetos de côres para a torre do Bugio, pois d'esta são lançados foguetos vermelhos quando os naufragos são nos Baixos do Sul, e foguetos verdes quando os naufragos são nos Baixos do Norte, signaes e estas que são reconhecidos da estacão de Paço d'Arcos com foguetos de e côres identicas.

O salva-vidas d'esta estacão, que foi construido em Inglaterra, para satisfazer ás condições geraes inherentes aos barcos d'esta natureza, e que são *inabmersibilidade e estabilidade*, tem duas grandes caixas d'ar á prôa e á popa, e mais vinte e duas a toco do seu comprimento, oito valvulas de fundo que abrem do dentro para fora destinadas a dar saída á agua que entre, uma bomba para exgotto do porão e uma quilha de ferro. Tem disposicão e o competente aparelheo para andar á vela. Tem exteriormente, em volta, um cabo fixo em diversos pontos da cinta, formando seios para se lhes agarrarem as 5 pessoas que estiverem n'agua e um ferro interior com o ajustamento deo taboado ao revex do do revesti-mento, de maneira que representam, ppor assim dizer, dois barcos metidos um no outro. O seu leme é manobrado a toques ou cana e ainda tem disposicão para armar esparrela. Tem 112 remadores e um patrão.

O *carro-berço*, systema portuguez, é que elle assenta, tem uma disposicão muito engenhosa, á qual lhe ppermitte deslizar sobre os rails da sua carreira ou mesmo sobre a areia quando por acaso a carreira esteja açoreada, pois tem dois grandes rôles que apuham toda a largura do carro e que correm sobre a areia, havendo ainda na parte superior um rolote de ferro onde assenta a quilha do o salva-vidas e sobre os quaes este corre quando o *carro-berço* chega ao mar.

Lembraremos ainda que o salva-vidas d'esta estacão, cujo nome é o

do heroico e individivel patrão Joaquim Lopes, tem por actual patrão um dos seus netos de nome Joaquim Ferreira Lopes, e que o ultimo serviço de salvacão que este salva-vidas fez foi o de salvar no dia 19 de janeiro d'este anno 21 tripulantes do vapor allemão *Lisbon*, o qual naufragou no cachopo do norte, tendo sido tão rapida a sua saída logo a seguir aos tres tiros de peça dados pelas torres de S. Julião da Barra e do Bugio signaes convencionaes feitos por essas torres em occasião de sinistro, que foi este o primeiro barco de socorro que chegou ao local do naufragio.



Lançando o o foguetão



O naufrágio do vapor 'Cyril' que foi abalroado pelo 'Anselm' na bahia de Inajatuba (Amazonas) em 5 de setembro.—(Segundo photographias tiradas de bordo do 'Anselm' e que nos foram cedidas pelo sr. conde Marco de Vanigai)

Os passageiros do vapor *Cyril* chegaram a Lisboa em 24 de setembro a bordo do *Augustine* que, como aquelle barco e o *Anselm*, pertence á Companhia Booth Line. Sabe-se pelas narrativas dos naufragos todos os deta-

lhes d'esse abalroamento produzido pela improvidencia d'um praticante de piloto, que foi o causador do desastre. A bordo do vapor *Cyril* quando se sentiu o choque

houve a impressão que facilmente seriam reparadas as avarias e que o barco encalhara; por isso a retirada se fez em boa ordem tendo o commandante dado ordens para saírem primeiro as senhoras que foram conduzidas

no bote que chegou mais cedo junto do *Cyril* e que o *Anselm* enviara em socorro. Depois d'acreram os homens, por fim a tripulação, não podendo contudo salvar-se as bagagens, algumas d'ellas bem importantes, pois

com a carregação avallou-se os prejuizosos em 2-272 contos de réis. Logo que se chegou a bordo do *Anselm*, o *Cyril* começou a mergulhar de prôa, acastabando por desaparecer totalmente na funda bahia do Amazonas com

uma rapidez bem visível pelas photographias que n'outra pagina publicamos e que foram tiradas de bordo do *Anselm* e constituem um precioso documento do naufrágio.



O PAÇO REAL DO ALFEITE

A entrada—Um aspecto do jardim—A casa do almoxarife

O gracioso e bello paço do Alfeite, que se ergue perto da villa d'Almada e junto ao Tejo, tem passado por diferentes phases e pertencido a diversos individuos. A quinta do Alfeite foi de Leonor Telles, D. Fernando deu-lh'a como presente de casamento com outros bens e quando o rei morreu ella deu essa propriedade ao almoxarife das alfandegas do reino, o Judeu David Negro que fôra sempre seu parcial. D. João I declarou o

mestral traidor á patria e, confiscando-lhe as fazendas, deu a quinta do Alfeite a Nun' Alvares que em virtude da demanda feita pela viuva do judeu teve que entrar com ella n'um accordo. O condestavel doou esta quinta aos frades do Carmo. Depois, atravez dos seculos, a propriedade teve outros donos, pertencendo, em 1697, a um inglez, Gerardo Hugnor, a quem D. Pedro II a comprou incorporando-a na casa do infantado. No

tempo de D. João V, o infante D. Francisco reuniu-lhe a quinta da Romeira que pertencera ao conde de Tarouca.

D. Maria I juntou-lhe mais propriedades, tendo hoje reunidas as seguintes: Onteiro, Quintinha, Antelmo e Banha, a vinha do Pagador, lagoa d'Albufeira, pinhaes de Corroios, do Cabral, molinos do Galvão Passagem, Capitão e Torre.



O PAÇO REAL DO ALFENTE

Na sessão legislativa de 1857 debaten-se a questão do aluguer da quinta do Alentejo ao presidente do conselho, que era então Costa Cabral, aluguer que fora feito por 90 annos e por 2.500.000 réis annuos. A discussão foi rija; Saldanha quiz esmagar o conde de Thomar, que

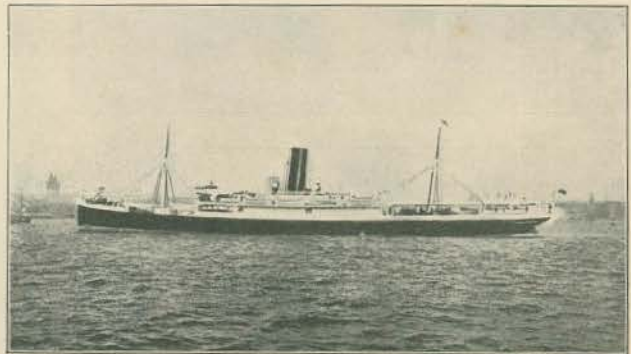
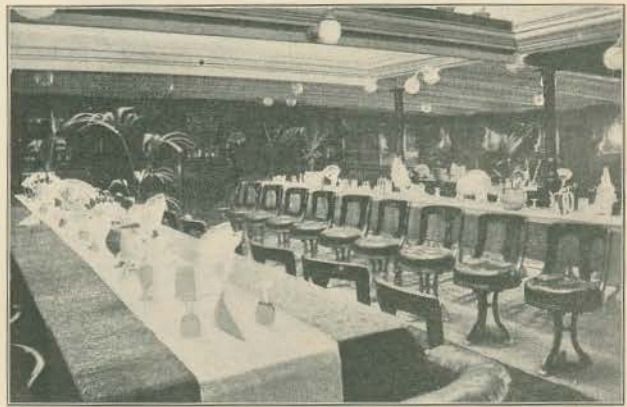
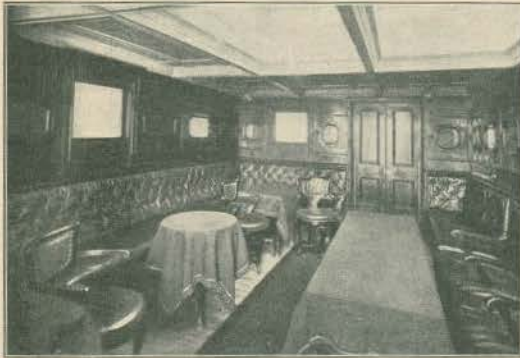
se defendeu pronunciando n'esta sessão o seu ultimo discurso. D. Pedro V fez importantes obras na quinta do Alentejo e construiu um novo palacio. As salas são elegantes e bem mobiladas, a escadaria magnifica, as pinturas dos tectos são de veras artisticas e a quinta tem

bellezas naturaes, existindo n'ella uma fonte chamada a *Bigunka* cuja agua cura diversas molestias como afflicção o dr. Francisco da Fonseca Henriques no *Aquilegio medicinal*.

Por vezes Suas Magestades vão de visita ao Alentejo,

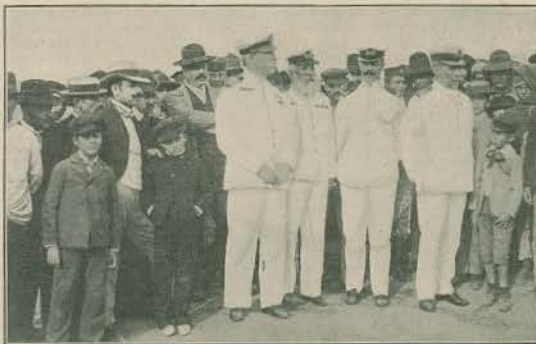
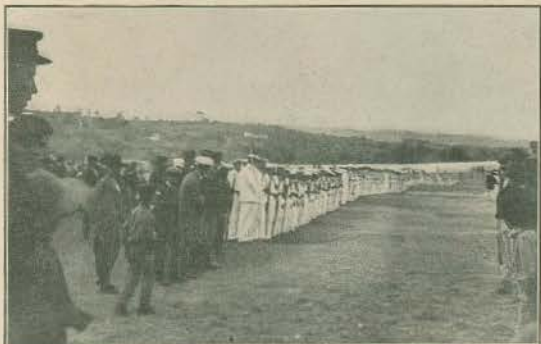
repousam alguns momentos no palacio, merendam na quinta, embarcam depois no magnifico caes junto do palacio.

A matta é muito abundante em caça e tem um aspecto grandioso.



O naufragio do vapor 'Cyril', que foi abalroado pelo 'Anselm' na bahia de Inajatuba (Amazonas) em 5 de setembro

O sr. conde Marco de Fanigal, um dos passageiros do 'Cyril', que viajava com sua esposa e que perdeu no naufragio cerca de vinte contos de réis além de grande numero de photographias para um album do governo do Pará e que ia ser gravado em Paris—O 'bondoir' do vapor 'Cyril'—O commandante do 'Anselm' sr. Kempthorne, os agentes do vapor e alguns convidados, quando foi da festa por occasião da primeira viagem do vapor em 8 d'abril—Sala de jantar do 'Augustino', o vapor que conduzia os naufragos do 'Cyril'—Sala de fumar do 'Cyril'—Sala de jantar do 'Cyril'—Os officiaes do 'Anselm' com o seu commandante—O vapor 'Anselm'.



OS EXERCÍCIOS DA DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA EM LAGOS

No caes d'Alfandega—Os exercicios dos marinheiros em terra—Outro aspecto dos a exercicios—O contra-almirante sr. Moraes e Souza com o seu estado maior, assistindo aos exercicios—Em Lagos: O chão queimado—O Caes Molhe—Embarque de marinagem—Vista da cidade tirada das antigas muralhas

(Photographias enciadas á «Illustração Portuguesa»)

A divisão naval, portugueza composta pelos cruzadores *S. Rafael*, *Vasco da Gama*, *D. Carlos*, torpedeiro n.º 4, canhoneira-torpedeira *Tejo*, saiu do porto de Lisboa pelas 2 horas da tarde do dia 16 de setembro, comandada pelo contra-almirante sr. Moraes e Souza e levando como chefe de estado maior o sr. capitão de mar e guerra Manuel de Azevedo. Em Lagos a divisão naval fez diversos exercicios de tiro e manobras, havendo

tambem regata de ole escaleros a remos e á vela assistindo as principais fammílias da cidade que o sr. Moraes e Souza convidara. A A direção do Club Aristocratico de Lagos convidou por sua vez os officiaes da esquadra para um baile que se decorreu bastante animado. Na regata o primeiro premio coube á primeira canóa do *D. Carlos*, na segunda a corrida ao primeiro escaler do *S. Rafael*, na terceira a ao quarto escaler do *D. Carlos*, na

quarta coube ao salva-vidas 7, na quinta á segunda canóa do *D. Carlos*. A divisão naval largou da bahia para vir fundear no dia 27 de setembro em Cascaes a fim de tomar parte nas festas do dia 28 pelo anniversario do SS. MM.

Os navios illuminaram na noite de 28, fazendo tambem projecções para terra e retirando na manhã seguinte para Lisboa.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLI-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

XI

EM SAMARKANDE!

Cerca de uma hora depois d'esta scena, Mérande e os seus companheiros eram ainda uma vez levados á barraca, onde tinham ido á presença de Timour.

Emquanto perguntavam com ansiedade que fim tinha levado a sua amiga, o official chinês, a quem estava confiada a sua guarda, tinha vindo buscá-os.

Ao passo que o seguiam, haviam feito algumas perguntas quanto ao desaparecimento da d'zella, mas o Celesteo não quizera responder-lhes cousa alguma.

—Nadia não partiu de seu moto proprio; levaram-na exclamou Bottermans dirigindo-se a Mérande, quando os prisioneiros foram introduzidos na barraca, onde tornaram a encontrar os mesmos guardas e o mesmo ceremonial da manhã.

—Talvez, redarguiu o commandante esforçando-se por acalmar a agitação do seu amigo.

—Não é problematico, é certo, visto que o chinês não se affligiu com a sua ausencia do meio de nós.

—Pensei um instante que iamos tornar a vê-la aqui, observou Van Korsteen, mas comeco a crêr, como o nosso amigo Bottermans, que ella se não separou de nós accidentalmente, visto que a não encontramos, e que não ha inquietação por causa d'ella em torno de nós.

«A comitiva do Timour sabe evidentemente que ella está em lugar seguro...»

—Para que a separaram de nós? Porque seria, Mérande? ... E' preciso investigarmos isso...»

—Soezage, Bottermans; Timour reconheceu Nadia, e o me reconheceu a mim proprio; via-nos entrar na Europa e sabe quem somos. Para elle, a nossa amiga não é qualquer mulher...

Mérande foi interrompido por um movimento geral dos guardas que se enfileiravam em torno da sala.

Os prisioneiros volveram os seus olhos para o fundo da barraca, onde a tapeçaria, levantada por mãos invisíveis, dava passagem ao proprio Timour.

—Enfim! murmurou Bottermans.

Mas Timour não estava só.

Descançava a mão esquerda sobre o hombro de uma mulher, de andar pouco seguro, com o rosto quasi inteiramente velado por um estofa ligeiro, que as suas mãos crispadas cruzavam sobre o peito.

Essa mulher era Nadia. Nenhum dos sobreviventes da missão o reconheceu logo, e o proprio Bottermans só teve olhos para esse «Senhor» dos seus destinos, ao qual esperava arrancar a explicação do desaparecimento da sua companheira.

Os europeus estavam tão habituados desde longo tempo a não ver a sua amiga senão com o seu traje de homem, que não lhes podia acudir ao pensamento buscal-a sob o véo d'essa mulher tímida e vacillante.

Entretanto, no meio de um silencio profundo, retinha a voz clara o imperio do Timour.

—Mandei que voltasseis á minha presença para vos dar a saber que novas acções modificaram as minhas resoluções a vosso respeito.

—Ora! ora! murmurou o incorrigivel doutor, aproveitando a curta pausa com a qual Timour accentuava essa declaração, este barbaro vai acso offerecer-nos a liberdade e o seu reino? ...»

—Continuareis a ser meus prisioneiros, e haveis de acompanhar-me contra a vossa vontade, visto que recusais servir-me, mas tendes a vida salva.

«Ora, é conveniente que o saibais deante de todos, deveis a vossa existencia áquella que foi vossa companheira.»

—Nadia? exclamou Bottermans.

—Sim, Nadia, sobrinha do Rachmed, irmão de minha mãe! Nadia, em quem o sangue de Timour não podia mentir, e que comprehendeu a grandza da minha missão.

—Ouvim-se um grito de pasmo, que soltaram simultaneamente os quatro prisioneiros.

Bottermans dera um passo á frente, com o rosto convulsionado.

—Nadia? ... Nadia! ... Será possível? Trahir-nos d'este modo? ... Oh! seria infame!

Mérande e Van Korsteen continham o seu amigo, mas os seus olhares indignados fulminavam a donzella, que não pudera evitar um movimento de recuo, empallidando debaixo do seu véo.

A essa furibunda apostrophe, que exprimia tão claramente a dor dos europeus, succedeu um silencio oppressivo.

Nadia comprehendeu que a sua vida e a dos seus amigos iam declinar-se definitivamente n'esse silencio, em que os segundos tomavam o valor da eternidade. Sentia instinctivamente pesar sobre si os olhares e a consciencia, ainda incerta, de Timour.

Então, fazendo um esforço supremo, reuniu as suas forças.

Afastou os véos, e levantou, altiva, a sua bella cabeça. A bocca ironica abriu-se n'um sorriso; uma onda de sangue lhe afogueava o rosto. Deu um passo para

deante e agarrou na mão de Timour, como se, fazendo esse gesto de alliança, quizesse dar uma confirmação solemne ás palavras que elle acabava de proferir. Mas ao mesmo tempo o seu olhar pregado em Bottermans com uma expressão indefinivel de affectuosa reprobção o aspandiu, desorientado, entre o horror e a esperanza.

Ao aperto da mão de Nadia, Timour, convencido, correspondia sem dar palavra com uma prossão apatxonada.

Então Nadia, deixando o sueco domado, olhou para Mérande, enquanto erguia n'um ultimo gesto os dedos á altura dos labios, como para implorar perdão ou impedir silencio aos seus amigos.

Van Korsteen, o mais sereno dos prisioneiros, n'esse instante em que as menores cousas tinham uma significação pungente, calava-se interpellado, faltando-lhe já a veia de traduzir em palavras pittorescas as idéas contradictorias que batalhavam no seu espirito.

—Que significa esta alliança? dizia elle de si para consigo. Será um fingimento para nos servir? Será uma traição real? ... Tudo o que vemos e acabamos de ouvir, tudo, até esse novo traje, demonstra que ella rompeu sem reserva com a missão... e, se cousa nenhuma a prende já a nós, porque lhe devemos esta vida que nos deixam, e que ella deveria, pelo contrario, abreviar?

Não menos angustiado que os seus amigos, porque apreciava ainda melhor de que elles a contradicção d'essa clemencia com a defeicção de Nadia, o commandante Mérande não se sentia com força de falar.

Quiz, todavia, fazer uma pergunta, no momento em que, a um gesto do Senhor, os guardas se aproximaram d'elle para o levarem com os seus companheiros.

Mas Timour, que seguia impassivel no rosto d'elles as suas commoções, deteve-o promptamente com um aceno de cabeça, lançando-lhe como um desafio esta retística:

—Tornar-nos-emos a vêr em Samarkande!

SEGUNDA PARTE

A Invasão amarella

I

TIMOUR E NADIA

Volvidos dois mezes, Timour entrava em Samarkande. Os exercitos russos não tinham podido conter a torrente da invasão amarella. Atacados ao Norte, nas estepas do Volga, pelas hordas de cavalleiros asiaticos, superheidos na Asia central; pela inundação formidavel das multitudes chinezas, que russos tinham sido, além d'isso, abandonados ás suas unicas forças pelas potencias europeas. Estas haviam acreditado o fingido acreditar n'um movimento de pouca importancia, mais especialmente dirigido contra a Russia e as suas tendencias dominadoras sobre a Asia. Mas os russos ovacuavam a Asia central e retrahiam-se para o Caucaso, enquanto o czar fazia um appello supremo aos Es-



VAN KORSTEEN

tados Unidos da Europa, ora ameaçados da invasão amarella.

Timour, vencedor dos russos, sabia que ainda agora estava no primeiro periodo da sua marcha victoriosa, e que o ataque da Europa era o acto decisivo da terrivel partida empenhada. Não podia parar nem retardar o choque, devia precipitar as suas innumeráveis multidoes em toda a força irresistivel do seu primeiro impeto, antes de se reunirem os exercitos europeus. Contava além d'isso com a incerteza dos governos, e as divisões dos Estados, que tinham sobrevivido surdamente á grande federação internacional da Europa; contava tambem com a mollesza dos europeus, saturados de riquezas e de bem estar.

Timour, porém, quiz primeiro ferir ainda a imaginação das turbas que o seguiam.

Resolven coroar-se publicamente imperador da Asia, deante do tumulo de Timour Lenk, seu avô. Havia para isso chamado a Samarkande todos os chefes principaes da invasão, e dado ordem para deixar entrar na cidade na tropa mais proxima. Os amarellos acorreram de toda a parte, e foi na presença de um milhão de homens que o conquistador asiatico deu a saber ao seu exercito e á distante Europa o sonho monstruoso que pretendia realisar.

Depois de ceremonias expiatorias, tendentes a purificar Samarkande da conspiração estrangeira, o grão lama de Lhassa, arrancado pela invasão ao seu mysterioso insulamento, e rodeado por uma multidão de lammas e de bonzos, conduziu Timour á explanada que dominava a cidade. Ahí no alto de um estrado elevadissimo, sentou-se o conquistador na Kok Tache, que servira outrora de throno a Timour Lenk. Imobil, contemplou, por espaço de duas compridas horas, o desfilar das tropas e dos deputações vindas dos extre-

¹ Lhassa, capital do Tibete.

² A Kok Tache é um monolitho de marmore, em forma de assento, cuidadosamente conservado em Samarkande no antigo palacio de Timour-Lenk.



mos da invasão, e as danças de milhares de lamas, de bailarinas hindus, de djalas e de batchas sartas.

Nos degraus do estrado agrupavam-se os seus officiaes superiores. O grão lama subiu para junto de Timour, deante do qual se prostrou. Reobertaram acclamações ensurdecedoras.

Então Timour, erguendo-se, estendeu a mão desdebrando amplamente o manto de seda amarello que o cobria, e com um gesto augusto, por tres vezes, levantou e abaixou a dobra que segurava na mão. Em seguida brandiu o sabre, do lado do Occidente, gritando com voz de trovão, que fez estremecer a multidão immensa:

—Timour, imperador da Asia, e senhor do mundo! A Europa ha de submeter-se ou morrer.

E ao esplendor do sol, cujos raios ardentes desluzavam sobre essas frentes insensíveis de asiaticos, repetiram-se os cantos, as danças, as acclamações, enquanto um a um os logar-tenentes do Senhor, chinezes, mongos, mandchurios, tibetanos, etc., todos marcados com o cunho da raça amarella, vinham beijar-lhe os pés e repetir com o seu sabre, para a banda do Occidente, o mesmo gesto ameaçador.

Entretanto, descaia a noite sobre a immensa explanada. Os canticos de triumpho, as estrepitosas ovações, o rumoroso vozear da multidão entusiasmada, baixavam sobre Samarkande resplandecente, onde a festa nocturna começou em redor das medreças e das mesquitas illuminadas.

Os guardas imperiaes estabeleciam os seus postos ao longo das muralhas sobranceiras á ravina circular, enquanto silenciosamente os coolis varriam a explanada.

O triumphador Timour, transportado da Tok Tache nos braços dos seus officiaes para os aposentos do governador russo, cuja cabeça descarnada balouçava n'uma das janellas que davam para a cidade, havia despedido a sua comitiva, e, só, reclinado sobre tapetes amontoados, o Senhor da Asia meditava, insensível ás eguarias que um escravo viera collocar deante d'elle.

Erguendo-se bruscamente, e arremessando o pesado sabre e os collares que lhe faziam peso, accorreu-se do um dos grandes espelhos, que a galanteria de alguma mulher russa tinha out'ora collocado nos espaços das paredes d'esse repartimento, destinado então para salão official de recepção.

Appareceu-lhe a sua elevada estatura no esplendor da seda que o envolvia, e em seu rudo semblante não deixara nenhum vestigio a fadiga d'aquelle dia. Brilhava ainda em seus olhos toda a majestade da gloria acclamada. Timour mirou-se um instante, e um sorriso orgulhoso illuminou-lhe as feições. Bateu n'um gong.

Escalas mussulmanas.

DESEFILARAM AS TROPAS POR ESPAÇO DE DUAS COMPRIDAS HORAS

O official de serviço entretesabrin logo a pesada tapeçaria.

—Minha filha! ordeçou.

Passados alguns minutos, levantou-se novamente o reposteiro, e Kanyadje ajoelhada beijava a mão de seu pae.

Timour, que havia retomado a sua languida posição sobre os tapetes, acariçou a cabeça da donzella.

Gostaste da coroação?

—Digna de ti, meu pae, a digna do Senhor do mundo.

—Sim, a Asia é deveras a minha. Do alto do meu throno os meus olhos viam todo o espaço percorrido, a China longinqua, vazia de homens, guardada pelos mortos

e os velhos, escalados os montes Pamires, as neves eternas derretidas pelo attrito de milhões de sandalias e de rodas, as Indias atordadas, promptas para expulсар os ingleses, todos os fillos de Buddha e de Brahma levantados contra os homens do Occidente, e aqui, para além dos limites do horizonte, a multidão invencível, que tudo esmagava na sua passagem; depois, ao longe, a Europa em armas, que aguarda o executor do destino. A terra treme nas suas entranhas sob os golpes repetidos do seu sabre. Timour Leuk, Timour Leuk, não tens porventura emulação de teu neto?...



Bordallo Pinheiro a Emygdio Navarro em 1886

A gravura que damos acima representa a homenagem de um português gíriano a outro que não menos o foi. É o primeiro Raphael Bordallo Pinheiro e o segundo Emygdio Navarro, ambos desportistas e do mysterio da morte. Em setembro de 1886, poucos meses depois de Emygdio Navarro ter assumido a direção da posta das obras publicas, reuniu o grande jornalista, na sua casa no Luso, já então concluida, alguns amigos, entre os quais diversos engenheiros, ao serviço de sua secretaria. Raphael Bordallo Pinheiro foi dos convidados. É muito reconhecido a Emygdio Navarro pelo dia esantador que elle lhe proporcionára, não quiz sair do Luso sem expressar a sua gratidão ao Mestre de todos nós, tracando no album d'un amigo commum o desenho-permossa que a illustração Portugueza hoje reproduz.



A medalha ganha pelo sr. Frederico da Costa Pinto no concurso de tiro de guerra em Cauntereta: O verso da medalha



O reverso da medalha



Sr. Frederico da Costa Pinto

Filho do sr. Jaime Arthur da Costa Pinto, que ganhou o primeiro premio no concurso de tiro de guerra em Cauntereta atirando os alvos a 300 metros e tendo aquillo seahar feito 191 pontos em 200 tiros.

Chronica elegante

Os primeiros assomos outomnaes já fazem sair dos cofres e dos moveis elegantes as bellas *fourrures*, os agasalhos ricos que tem permanecido encerrados nos mezos de estio.



Fig. 1

nas, pelo menos nos nomes, são indigo, fante, groselle, amande, soaria, coque.

Não é por enquanto época de os usar, pelo menos entre nós, mas, a moda que se estende a todos os ramos da toilette, não havia certamente deixar de intervir nas varias modificações e alterações que soffrom os objectos de pelles.

Não se sabe ainda qual será a *fourrure* predilecta do futuro inverno; ha annos foi o *petit gris*, depois a toupeira; é, porém, certo que essas phantasias passageiras não alteram nem doprimem o valor das bellas pelles de maria, de raposa, de *zibeline* e outras igualmente coadadas como sempre a superiormente opulentas.

Annunciam-se tambem novidades em velludos, cujos nomes só por si já são asaz suggestivos. Os velludos Belchite, Bayfield, Cabociras, Arna, Bambou, etc.,



Fig. 2

Alguns d'estes velludos são com pintas, outros de riscas, outros parecem polvilhados, os dois ultimos citados são finissimos e destinados ás *toilettes* muito *habille*, sendo o ultimo *rotelê* de riscas minuscultas. Na serie destinada ás *toilettes* de cerimonia os coloridos ultra chics são *émerauze, rubis, péridoch, perle grisé, améthyste, ail de chat*.

Aparecem o *saphyr, pierre de lune, orchide, cendre, vert pousse* e outras que necessitarium um dictionario explicativo. O que se vê é que não faltarão novidades o que só deverá haver o embaraço da escolha.

Para as *toilettes* do monte é provavel que na época propria appareçam as mais atrahentes phantasias e que a sumptuosidade dos tecidos seja ainda superior á dos outros destinados a passeios e cerimoniaes de dia.

Vão apparecendo muitos véus grandes de rendas, gaze ou tulie envolvendo o chapéu todo, vindos alguns atar em *brides* debaixo do rosto; outros são simplesmente caídos atraz, fluctuando ao sabór das brisas, ou antes, dos ventavaos de dezembro e janeiro.

Muitas *capelines* de seda, e pannos ou feltros muito malleaveis para as meninas. O feltro duro será destinado aos chapéus simples para acompanhar as *toilettes tailleur*, tanto para senhoras como para meninas.

Fig. 1—*Toilette* de corridas em *cachemire, lamane* com *ruches* de seda de tom mais escuro. Chapéu *postillon* com plumas marron.

Fig. 2—*Grande capeline* de *faulle* branca e rendas para meninas.

Fig. 3—*Toilette* de passeio em panno indigo com *passementerie* de seda e fios de ouro. Chapéu de feltro com *rombes* de velludo ornado.



Fig. 3

Novo processo de andar
VESTIDO
Com 500 réis por semana

Toda a gente pôde andar elegante e economicamente vestido, se a companhia commercial de responsabilidade limitada

LEÃO VERDE
242, Rua do Ouro, 242

Fax fada, fada, vestido e outras a prestação sazonal de

500 réis

Para o que tem estalor de alyste sob a direção de seu habil GOUNDER parisiense.

Grande e escolhido sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

Fatos desde 7\$500 até 40\$000 réis

242, Rua do Ouro, 242

Não se autoriza a publicação d'este annuncio em outro Jornal



O PIPERINOL

Para a dar cor e brilho igual ao encerado em moveis e soalhos. Inistação pau suntu, no-gueira, monogno e varas madeiras. Este preparado não tem agua-ras nem cheiro algum.

Aplicação facil e rapida.

Deposito unico: **Rua Buenos Ayres, 35**
GIL DIAS ASSUMPCÃO.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
LEILÃO

Em 9 d'outubro proximo farão a duas sessões ás 11 horas da manhã, por intermédio do agente de leilões sr. Constante Lago da Cunha, na estação principal d'esta Companhia em Lisboa a Casa dos Schindler, e em virtude do art. 199 das disposições remissas ás l.tras gerenciaes de grande e pequena viafidade, em vigor nas l.tras d'esta Companhia, procedendo-se á venda em hasta publica, de l.tras de remessa com data anterior a 9 d'agosto de 1905, bem como d'outras volumes não n' remessados.

Avisa-se, portanto, que os consignatarios das remessas indicadas na Junta regeção d'outros que pela sua natureza impetencia se não mencionam, de que poderão ainda retirar-se, pagando o seu debito á Companhia, para o que devendo dirigir-se á Repartição de Realização e Investigação, na estação de Class. das Saldas dos l.tras em data no multipl. cat. n.º 7 do referendo, com d'outro lu. pluvio nes 10 horas fada manhã ás 2 da tarde, Lisboa, ás 12 de Setembro de 1905.

Pelo director geral d'a Companhia, o engenheiro sub-director, Augustus Luciano S. de Carvalho.

MUSICAS
Não comprem sem ver
na R. do Ouro, 63 - VENANCIO

Cura dos ferunculos, diabetis, eczemas, dyspepsias e rheumatismo.
Fermento selecionado d'aves Fermentado
Praça dos Restauradores, 21-Lisboa

GRAND REX
Lisboa

CORTICITE (agglomerato de cortica)
FABRICAÇÃO ESPECIAL

CHAO SEM FENDAS
HYGIENICO, IMPERMEAVEL E ECONOMICO

CHAPAS E TIJOLOS MATERIAL DE ISOLAMENTO
CONTRA O CALOR, O FRIO E O SOM

FORRO DE TUBOS E CALDEIRAS DE VAPOR
Reduzindo a condensação. Economizando combustivel

O. HEROLD & C. 11 RUA DA PRATA, 14, 1.º

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Brilhante e capaz em percollina emca nada a ouro e cizreza, superiormente illustrada por Santos Silva, para a encadernação de cada semetre da notavel revista

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Capa e respectivo indice para cada semetre
700 FRÉIS

TRIPLEOPHONE

A ultima palavra em machinas falantes



GRAMOPHONES
Para o Povo
OU O
Gramophone Popular

Esta machina, um magnifico aparelho com todas as propriedades das melhores machinas, é perfeitissimo, reproduz os sons com todo o seu vigor e pujança, com a maior cizreza e nitidez.

Preço **12\$000 RS.**

Companhia Franceza do **GRAMOPHONE**

Largo da Rua do Principe, 8, 1.º

Onde todos os pedidos devem ser dirigidos



Estação d'inverno

HOJE-INAUGURAÇÃO-HOJE

Com o mais colossal, variado e completo sortimento de fazendas de todos os generos e procedencias

Os

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

o mais vasto e completo estabelecimento do paiz e o unico que tem relações directas com as fabricas, é por isso o unico que vende por preços fóra de toda a competencia todos os artigos das suas innumerables secções.

O fornecimento dos **Grandes Armazens do Chiado** é feito de fôrma a haver de tudo, desde o artigo mais simples e barato até ao mais rico e luxuoso.

O unico estabelecimento que offerece brindes reaes e effectivos, cujo valor representa uma grande parte dos pequenos lucros resultantes das vendas. Todo o comprador é associado aos interesses dos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Pobres, ricos e remediados todos devem ver a grande lista dos **BRINDES** distribuidos aos seus freguezes pelos **Grandes Armazens do Chiado**, entre os quaes se destaca o elegante, hygienico, saudavel e bem construido

CHALET IDEAL

edificado em CAE AGUA, uma das praias mais pittorescas e arejadas da linha de Cascaes.

HOJE - INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO D'INVERNO - HOJE
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO